

OS CONCEITOS DE SENTIDO DA VIDA: REVELADORES DA ESPIRITUALIDADE DA PESSOA COM CÂNCER

CONCEPTS OF THE MEANING OF LIFE: SHOWING THE SPIRITUALITY OF PEOPLE WITH CANCER

Michell Ângelo Marques Araújo

Universidade Federal do Ceará

Débora Rodrigues Guerra

Universidade Federal do Ceará

Aurilene Lima da Silva

Hospital de Messejana, Secretaria de Saúde do Estado do Ceará

Luana Gêssica Freire Martins

Hospital Universitário Walter Cantídio (UFC)

Violante Augusta Batista Braga

Universidade Federal do Ceará

Arisa Nara Saldanha de Almeida

Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza - FAMETRO

Resumo. O sentido da vida constitui fator importante da espiritualidade humana, que é afetada pelas situações de adoecimento. Nosso objetivo é produzir conceitos de sentido da vida junto a pessoas com câncer. O tipo de estudo foi a sociopoética, que entende que os participantes da pesquisa são co-pesquisadores. Formado por 07 pacientes com câncer, de um hospital de Fortaleza. A produção aconteceu em quatro oficinas. Os dados foram produzidos por meio de dispositivos artísticos, e foram analisados com base nas análises de conteúdo e filosóficas. Os conceitos de sentido produzidos foram: serra, sertão, lagoa, ponte, túnel/luz, fogão, mar de rosas, e Deus. Esses conceitos mostram o sentido da vida e o que representa para as pessoas ao enfrentarem a iminência de morte.

Palavras-chave: Sentido da vida; Espiritualidade; Câncer.

Abstract. The meaning of life is an important and revealing factor in spirituality, and it is many times affected by illness situations. With this in mind production of life meaning concepts along with people with cancer. The methodological path chosen was Sociopoetics, which understands the research participants as co-researchers. This group was formed by 7 patients in a support foundation in a very respected hospital in

Fortaleza. The production occurred in four workshops. The data was produced through dispositives which made emerge the new and were analyzed based in the several proposed analysis. The concepts produced were: the saw concept, the lake concept, the brigde concept, the tunnel-light concept, the stove concept, the sea of roses concept and the God sense. These concepts show the life sense represent to the people when they face the imminence of death.

Keywords: Meaning of life; Spirituality; Cancer.

INTRODUÇÃO

Constitui um desafio para profissionais de enfermagem atender o ser humano nas suas diversas necessidades e contemplar em sua assistência as complexas dimensões humanas. Ou seja, tomar a clínica de enfermagem em sua dimensão ampliada, qualificando a escuta sobre os padecimentos do doente e ir além do diagnóstico de sinais e sintomas, auscultando as subjetividades produzidas na condição do adoecimento.

Devido à formação naturalista dos profissionais de saúde, quase sempre, se dá maior ênfase a dimensão físico-biológica, relegando-se a segundo plano e até mesmo negando as demais. Tal conduta configura um paradoxo, considerando-se a tão propagada abordagem holística na saúde, a qual percebe o ser humano como um todo e, não somente, como a soma das partes, mas a interrelação e a influência de cada uma sobre as demais (Corbellini, et al, 2010)

As instituições de ensino ainda persistem em um modelo centrado no biológico, privilegiando a doença e não o homem, como a finalidade de sua ação apesar do discurso ser diferente. Esse fato tem sido exposto como inadequado e alvo de muitas críticas,

principalmente ao se propor uma humanização do cuidado em saúde. Isso mostra o distanciamento das práticas de saúde com aquilo que é realmente a integralidade do cuidado, o respeito e a dignidade da pessoa humana (Tomasso, Beltrame & Lucchetti, 2011; Ministério da Saúde do Brasil, 2004).

Mister compreender esse Homem, suas necessidades e seus desejos, de forma que contemple toda a sua complexidade dimensional. Compreender as dimensões humanas constitui o primeiro passo para um cuidar integral, tendo em vista que a há uma multidimensionalidade ontológica e uma unidade antropológica que precisa ser contemplada (Frankl, 1990).

Segundo Frankl (1994a) e Vasconcelos (2006) dentre todas as dimensões humanas a espiritual tem destaque para a área da saúde, primeiro porque é a que diferencia o Homem dos demais seres, pois integra a capacidade de ser livre, de ser responsável e de buscar, constantemente, um sentido para a vida. E também por ser uma dimensão desconhecida e pouco estudada, devido à ênfase dada as dimensões psicofísicas e ao distanciamento histórico da ciência tradicional, com tudo aquilo que não poderia ser comprovado por seus métodos experimentais, quantificáveis e

replicáveis, deixando a cargo da filosofia e da religião a explicação e o estudo de fenômenos que fogem de seus objetos estabelecidos de pesquisa.

Por termos tido a oportunidade de trabalhar com pacientes com câncer em vários estágios da doença, vemo-nos constantemente envolvidos em questões existenciais, como: amor, perdão, sofrimento, morte, fé, culpa e esperança, entre outras. Em suas crises esses pacientes solicitam de nós, enfermeiros, alívio para suas dores e esperam ser ajudados de algum modo.

Procuramos estudar o que havia disponível sobre espiritualidade na Enfermagem, mas, inicialmente, somente encontrávamos tópicos relacionados à religião, costumes, doutrinas e ritos. Buscamos em outras searas algo que pudesse nortear outros caminhos e formas de expressão de espiritualidade. Percebemos que a espiritualidade tratava-se de algo mais abrangente, que, apesar de conter aspectos religiosos, com eles não se identifica. Como consideramos a espiritualidade dessa **forma: “Dimensão que integra e transcende as outras dimensões humanas, é o princípio de vida que permeia a pessoa por inteiro, incluindo a volição, a moral, a ética, a arte, os valores, as tradições, a fé e a fonte da própria consciência”** (Frankl, 1992, p. 73).

A espiritualidade constitui-se uma dimensão humana e mostra-se propiciadora de sentido para a vida, à medida que favorece, através desses aspectos, a busca e o sentido transcendente, que é irrepetível. Não poderíamos, por tanto, tratar de espiritualidade

sem nos indagarmos sobre o sentido da vida, que está atrelado a cada pessoa individualmente e que corresponde ao contexto vivenciado na esfera do tempo.

Tendo considerado essa perspectiva, o objetivo desse artigo é apresentar a produção de conceitos de sentido da vida como forma de revelar a espiritualidade de um grupo de pacientes com câncer.

METODOLOGIA

O estudo trata-se de uma construção sociopoética, caracterizada como uma prática social, de pesquisa, de cuidado, de inclusão e de espiritualidade. Aborda o conhecimento do homem como sujeito autônomo, dono de sua história. Essa abordagem evidencia-se principalmente pelo uso de métodos poéticos, ligados à arte, à criatividade e conseqüentes, produção de uma poesia crítica (Santos & Gauthier, 2013).

A sociopoética é considerada, um método qualitativo de pesquisa, de linha epistemológica desconstrutivista, por assumir um compromisso de questionamento radical das formas de conhecer, dos saberes científicos e de seus estatutos de verdade, propondo alternativas de construção destes, ao tomar consciência de que o conhecimento é parte da construção humana interessada e politicamente objetivada Gauthier (2005).

Segundo Santos et al (2011) e Gauthier (2005) cinco princípios orientam a implementação desse método, são eles: (1) A importância do corpo como fonte de conhecimento; (2) A importância das culturas

dominadas e de resistência, das categorias e dos conceitos que elas produzem; (3) O papel dos sujeitos pesquisados como co-responsáveis pelos conhecimentos produzidos, co-pesquisadores, visto que participam do processo de pesquisa desde as decisões para o início até a sua conclusão; (4) O papel da criatividade do tipo artístico no aprender, no conhecer e no pesquisar, caracterizado, esse princípio, pelo uso de técnicas que expressam a criatividade e estimulam o imaginário; (5) A importância do sentido espiritual, humano, das formas e dos conteúdos nos processos de construção dos saberes.

O local para a realização do estudo foi um hospital de referência em cuidados com pessoas com câncer, localizado em Fortaleza-Ceará. A pesquisa foi realizada na casa de apoio, instituição vinculada ao referido hospital, que recebe pessoas de outros municípios e estados que precisam ficar em Fortaleza para exames e tratamentos e não possuem lugar ou familiares onde possam ficar enquanto permanecer na cidade.

Realizamos uma oficina de negociação que aconteceu porque a sociopoética defende que os participantes da pesquisa se tornem co-pesquisadores e, junto com o facilitador ou pesquisador oficial, construam o conhecimento através da participação em todas as etapas da pesquisa. O grupo pesquisador foi formado inicialmente por 12 usuários, permanecendo durante toda a pesquisa 07 usuários, identificados neste estudo por Co-pesquisadores (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7). A decisão por trabalharmos a espiritualidade através do sentido da vida não

constituiu grande conflito por se tratar de algo vivenciado, como necessidade ao enfrentar o adoecimento.

A produção dos dados deu-se com a realização de 02 (duas) oficinas de produção e 01 (uma) de análise, nas quais utilizamos técnicas/dispositivos que nos permitiram cumprir os princípios da sociopoética. Na primeira, utilizamos uma adaptação da técnica dos “Lugares Geomíticos” (Gauthier, 2005); na segunda, utilizamos uma técnica nova criada para essa pesquisa que chamamos “O Filme da Minha Vida”. Utilizamos elementos artísticos como forma de ir além do racional e adentrar no emocional, sensitivo e intuitivo, ponto convergente que possibilita o contato com os conteúdos espirituais conscientes e inconscientes e a relação desses elementos com o sentido da vida. O material produzido foi formado por expressões artísticas (pinturas e desenhos), gravações de falas e fotografias.

A análise sociopoética é multifacetada, inclui: análise classificatória do conteúdo das falas; análise transversal das convergências entre a produção plástica e as falas; a análise surreal que encontra diferentes olhares para a mesma produção; análise do grupo-pesquisador; e análise filosófica que acontece através dos referenciais teóricos do facilitador e do material produzido pelo grupo pesquisador. Optamos nesse artigo apresentar os conceitos gerais fruto da análise classificatória do conteúdo das falas e análise filosófica que acontece através dos referenciais teóricos do facilitador e do material produzido pelo grupo pesquisador.

Todos os procedimentos da pesquisa foram rigorosamente realizados seguindo os princípios éticos contidos na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que trata de pesquisas com seres humanos. Além de ter sido submetido ao Comitê de Ética, sendo aprovado com o número do protocolo: 07155841-2 FR 132475.

OS CONCEITOS PRODUZIDOS

O diálogo entre os saberes que foram produzidos pelo grupo-pesquisador e o saber acadêmico que outros autores trazem, constitui o foco da sociopoética. A filosofia não deve ser confundida com reflexão, contemplação ou comunicação. Antes, a filosofia se detém a criar conceitos e estes, por sua vez, não devem ser fechadas em verdades. Antes, são aproximações de uma realidade possível.

Através dos dispositivos propostos nas oficinas, ocorreu à mobilização dos corpos e, a partir do tema proposto, as associações livres culminam na produção de conceitos inesperados e inusitados. Concebem-se esses conceitos como sendo produções desterritorializadas, contextualizadas no encontro exótico do afeto com a razão, passando a serem chamados de “confetos.” A análise sociopoética traz a perspectiva de que o grupo-pesquisador é capaz de filosofar, à medida que cria confetos (Gauthier, 2005; Silveira, Almeida, Macedo, Alencar & Araújo, 2008).

O primeiro confeto que destacamos é o *Sentido Sertão*. Neste, entendemos que o sentido da vida é percebido como um lugar desejado, sonhado, onde se pode descansar, um pouso

certo nas horas de aflição. O sentido da vida é esse lugar, que corresponde à paz e a tranqüilidade, não importa que localização ele tenha, se o tenho, estou seguro e pronto para viver as possibilidades. Como vemos nas falas:

Eu fiz esse sertão porque eu não tenho nem um canto pra eu morar, só moro nas casas dos outros, aí eu escolhi logo um sertão por aí no meio do mundo, pelo menos é um canto pra eu morar né? Por isso eu desenhei isso aqui, um lugar, agora não sei onde que no mundo, onde eu possa construir um canto pra morar e viver (Co-pesquisador 7)

Esse sertão proporciona satisfação na vida, apesar de vivenciar o câncer ou qualquer outra coisa. A procura desse lugar pode muito bem ser a busca de um sentido de vida. O homem está sempre desejoso de encontrar um sentido na vida e nas situações. Essa motivação é, às vezes, consequência do sofrimento, que o faz procurar sentido e ao encontrar, acha-se forte o bastante para enfrentar qualquer sofrimento ou dificuldade, transcende a isso revelando a força desafiadora do espírito humano (Frankl, 2003).

Os diversos problemas enfrentados na vida, inclusive o adoecimento, tornam a depressão, a drogadicção e a agressão, fugas do sofrimento e um fenômeno comum em nossos dias. O confeto Sentido Serra pode ser uma resposta a isso. Esse confeto traz a idéia de que o sentido da vida é algo maior, alto, no sentido de ser uma resposta ao sofrimento, à culpa e à morte, conforme vemos nos relatos:

A serra representa a força, exatamente a força que faz eu cuidar dos meus filhos, um casal de filhos que eu tenho e minha mãe [...] Essa serra é exatamente isso. Essa serra sou eu de pé pra ter força pra continuar tudo isso (Co-pesquisador 3)

Essas plantas são as frutas da serra. Eu penso ser... através de muitos problemas, muitas dificuldades que eu passei e estou passando, eu tento viver feliz (Co-pesquisador 4)

Fica também claro que o grupo-pesquisador produz e associa esse confeto à força, força representada pela serra, que enfrenta bravamente as adversidades e não sucumbe. O sentido da vida é o elemento central na vida humana e que sustenta o homem em tempo de dificuldade, por sua vez, o mesmo homem vivendo o fracasso, pode estar bem se, em sua vida, conseguir extrair um sentido em sua história, algo que lhe fortaleça e o faça transcender (Frankl, 2003; Giovanetti, 2005).

Outro confeto produzido foi o *Sentido Túnel/ Luz*. Segundo o grupo pesquisador, o sentido da vida é concebido como um túnel com sua luz no final. Esse confeto tenta dar conta da existência de um sentido no próprio sofrimento. É como disseram: “só há escuridão se houver luz”. O túnel em si representa o desconhecido, o sofrimento, as dificuldades, a possibilidade de morte, a situação vivida. Mas não é só isso: esse túnel tem uma saída, há uma luz que pode e precisa ser buscada. E mais: passar pelo túnel é uma esperança certa de enfrentar a escuridão para, enfim, encontrar a luz. Isso fica evidente na fala do co-pesquisador:

[...] representa o túnel e a cacimba, e a linha de pau que eu fiz é pra me segurar e aqui é a luzinha do túnel, mode eu passei e cheguei onde eu cheguei... (choro) vim sozinha, passei por dentro desse túnel e cheguei e tô aqui e vou vencer. Esse desenho representa minha vida, porque desde 2004 que eu luto, por esse tratamento e eu não consegui, e agora eu fiz, o túnel e a luzinha, que eu disse né? Pra passar pra lá e vencer (Co-pesquisador 2)

O sofrimento inevitável é vivenciado de forma plena quando encontra um sentido para ser, ou seja, quando um sentido é descoberto. O grupo elabora uma crítica aos que consideram alguns casos na saúde sem perspectiva ou esperança e faz as seguintes perguntas: perspectiva e esperança de quê? Essa pergunta tem um paralelo na Logoterapia (terapia a partir do espiritual) que acredita que há sempre esperança, mesmo que não haja possibilidades terapêuticas, há esperança de uma vida com sentido, tal como nunca houve em toda uma vida. Para essa abordagem psicoterápica nenhuma vida humana, nenhuma única é sem sentido ou perspectiva, há sempre algo para contribuir e que possua sentido no mundo, nisso a produção do grupo encontra apoio (Lukas, 1992).

É a partir da aflição que surge um olhar de interrogação, de queixa, de desafio ou de súplica, empreende-se uma luta para compreender o que aconteceu ou está acontecendo e, nessa busca para entender, encontra-se o sentido. Como uma luz no fim do

túnel, o sofrimento transmuta-se em contribuição, a culpa em transformação e a morte em estímulo para agir responsável. Da mesma forma, todas as fases ruins da vida podem ser apreendidas como tempo de provação, de amadurecimento e de reflexão (Frankl, 1994b).

Um outro confeto produzido é o *Sentido Lagoa*. Neste, destacamos o que o grupo pesquisador trouxe como confeto. Essa lagoa é compreendida como sentido, garantindo a sobrevivência, pois produz vida que é oferecida a quem se dispôr a pescar. Essa pesca é nossa eterna busca por sentido na vida e nas situações. A lagoa é a fonte de onde se pode extrair o sentido, ilustramos isso na fala do co-pesquisador:

O sentido da lagoa é pro caba pescar, quando tiver vontade, pegar peixe, comer o peixe. Pegar o peixe pra comer, sem comer ninguém vive né? É o sentido de sobreviver, trabalhando (Co-pesquisador 2)

Mas porque o grupo pesquisador associou o sentido da vida à sobrevivência? Ora, o sentido da vida proporciona a quem o encontra um estado de graça, um sentimento de plenitude e de transcendência, como se o tempo tivesse parado e o que restasse fosse apenas a complementação do todo. A falta de sentido ou o vazio existencial é a principal causa da drogadicção, violência e depressão, formas de autodestruição tão comuns em nossos dias. Em sua experiência nos campos de concentração nazistas, Frankl relata que apenas os que tinham “um [sentido] para que viver” conseguiam superar o horror do cárcere e sobreviver, os que

não conseguiam encontrar um sentido ou achavam que a vida era desprovida de sentido, sucumbiram pela fome, pelos maus-tratos ou pelas doenças (Vasconcelos, 2006; Frankl, 1994b).

Há um confeto produzido pelo grupo-pesquisador, o *Sentido Ponte*. Esse confeto mostra-nos que o sentido da vida é apreendido como forma de ligação, uma verdadeira ponte que conecta duas partes diferentes que necessariamente precisam uma da outra. A ponte está bem representada pelo amor que faz ligações entre o “eu” e o “tu”. Nessa ligação, a profundidade de sentido está representada pelos diversos relacionamentos, sejam familiares, de amizade, de companheirismo, de responsabilidade ou de interesse. O grupo pesquisador elegeu o amor como ponte que liga a vida e seu sentido. Por esse amor vive-se e morre-se. Nele, encontra-se força para viver e superar tudo e, através dele, a vida se torna algo que vale a pena ser vivida. Isso é representado na fala de um dos co-pesquisadores:

[...] eu acho que foi uma ponte, que a gente precisa está apoiada em alguém, principalmente eu que não posso andar sozinha, eu tenho que ter uma ponte, onde eu tô eu sempre ando com pessoas que eu me comunico, então eu me acho assim, o seguinte, quero andar seguro pra não cair (Co-pesquisador 5)

O amor é concebido não como forma de obter prazer ou vantagens, mas como expressão que supera a satisfação de uma necessidade, um verdadeiro ato coexistencial. Quando existe amor, a pessoa liga-se a outra na mesma

totalidade físico-psíquico-espiritual. Quem ama de verdade, ama não somente algo que a pessoa tem, ama a própria pessoa, mais precisamente, o que a pessoa é. Há também relações nem sempre se dão nessa profundidade e não se chega a um ato co-existencial, impedindo o encontro espiritual de dois ou mais seres (Frankl, 1992; Lukas, 1992).

O caminho a ser trilhado para algo vivenciado e amado constitui os valores vivenciais que, por sua vez, ao serem cumpridos, tornam-se fonte de sentido. Podem ser concretizados no encontro com o outro e esse outro pode ser a natureza, o belo, a cultura, as virtudes e as pessoas. Compreendendo esse amor autêntico, definido pelo grupo pesquisador como ponte que a tudo liga, enriquece a vida do homem em todos os casos, mesmo no caso de não ser retribuído. A experiência e o bem que esse amor proporciona ficará para sempre gravado na sua história (Frankl, 2005).

O sexto confeto produzido pelo grupo-pesquisador é o *Sentido Fogão*. Esse conceito associa o sentido da vida à realização de algo, ou seja, o trabalho. Para o grupo-pesquisador, esse trabalho personifica o próprio sentido, nele se pode realizar algo. E essa realização proporciona àqueles que trabalham um sentimento de utilidade, de importância social e de sobrevivência. O sentido fogão representa o suor, o esforço de transcender as dificuldades e a dureza do trabalho em si, para um algo intencional que representa a finalidade que se atribui essa ação, que nunca acaba ou nunca se conclui. Observando o trabalho realizado durante toda uma vida, e destacando aquilo

conseguido através dele, é possível dizer que há valor nisso e nada, ou ninguém, poderá destruir, pois está plasmado para sempre na história de vida. O grupo pesquisador ressalta isso ao propor o trabalho como sentido da vida e o faz através da figura do “fogão”. Para comprovar isso, destacamos esses comentários:

Esse fogão representa o sustento da minha família, o fogão, o que eu aprendi a fazer no fogão, né? O sustento da minha família era tirado por aqui (Co-pesquisador 1)

É o sentido de sobreviver, trabalhando (Co-pesquisador 2)

Eu vou começar na roça, por que comecei a trabalhar na roça, quando eu era criança gostava de brincar, comecei a trabalhar logo. Essa mesa representa o trabalho na roça[...] (Co-pesquisador 5)

Trabalhando de padaria, sapataria, né? Minha vida não foi sofrida não[...] (Co-pesquisador 6)

O trabalho oferece oportunidades próprias, realizando-se de forma única, imprimindo-lhe uma nota pessoal, fazendo dele um pedaço de vida vivida que do contrário, permaneceria sem ser vivida. Assim, concebe-se o trabalho como uma transformação do ser homem substancial no ser homem funcional que confluem na eficácia a temporalidade e a corporeidade (Lukas, 1992).

Percebe-se o trabalho como uma forma de autotranscendência, visto que está numa busca incessante de superação, procura sempre romper os limites do tempo e da matéria, em

busca do duradouro, perfeito e eterno. O trabalho constitui os valores criativos para um algo a ser feito ou produzido, a saber: o trabalho em si, as artes, as descobertas e as invenções (Modim, 1980).

O próprio trabalho estabelece seu verdadeiro milagre, seja falta aos que fogem dele, opressão para quem nele se afoga, e asas à pessoa que o realiza buscando fazer o melhor não somente para si, mas, sobretudo, para o outro (Lukas, 1992; Arrieira, Thofehrn, Porto, & Palma, 2011; Amaro, 2013).

O confeto *Sentido Mar de Rosas*, também produzido pelo grupo-pesquisador, traz mais esclarecimentos sobre o sentido da vida. Essa perspectiva encontra, nas situações difíceis, fonte de sentido. Ao vivenciar o câncer ou qualquer outra doença grave, a pessoa sofrerá, mas traz consigo, em sua história de vida, muitas lutas, batalhas, vitórias e fracassos vividos que ajudam a enfrentar e a superar mais um obstáculo. Para o grupo pesquisador, o sentido da vida proporciona esse conforto, esse prazer, tal e qual um mar de rosas, onde a vida parece estar melhor com a doença do que antes, quando se estava são. Evidenciamos nas falas:

Isso representa meu sofrimento e aqui minha vida, agora né? Que é um mar de rosas[...] (Co-pesquisador 3)

Essa rosa que eu peço é que eu tenha muito amor pra dar as pessoas, que possa ajudar, por incrível que pareça, essa é minha vida hoje! (Co-pesquisador 2)

Esse confeto mostra-nos que não

importa o que passamos. Se a vida tiver sentido estaremos bem e nossa vida, preservada do desespero. O mar de rosas é o sentido da vida que transforma as dores em pequenos sentidos e, ao vivenciá-los, relativiza-se e minimiza-se tudo em consequência, dando a impressão de não mais sofrer. O homem tem a capacidade de transcender o sofrimento, transcende ao encontrar em sua história dores maiores, ao ter a certeza de que poderá ultrapassar mais uma dor e envolver de sentido a situação (Vasconcelos, 2006; Elias, Giglio, & Pimenta, 2008).

O homem mostra-se como primeiramente capaz de buscar um sentido até na doença, na culpa e no sofrimento, elevando-se espiritualmente acima deles e encontrando sua determinação mais específica. Isso comunga amplamente no que o grupo-pesquisador traz como sentido mar de rosas. Neste aspecto o homem tem a possibilidade de manter-se otimista diante da tragédia. Dá-nos a noção de transformar o sofrimento numa conquista ou realização humana e extrair da dor a oportunidade de mudar e fazer da transitoriedade da vida um incentivo para realizar ações responsáveis (Frankl, 1994a; Lukas, & Eberle, 1993).

O último dos confetos é o *Sentido Deus*. Essa produção do grupo-pesquisador tem seu foco não só em Deus, mas, especialmente, na fé, na esperança e na entrega total. O confeto traduz, em última análise, a segurança de não entender nada e, mesmo assim, estar bem. O sentido está presente no incognoscível, pois há um despojamento de tudo, inclusive da própria vida. Para o grupo pesquisador, Deus é o sentido

por si mesmo, a primeira e a última forma de se agarrar à vida e não sucumbir ao desespero, à solidão, ao sofrimento e à possível morte. Podemos ver claramente esse sentido no desabafo:

Se for pra me dá, é Deus, minha mãe reza muito, faz promessa, eu acredito quem me curou foi São Francisco, foi muita promessa que a mãe fez, rezava terço lá em casa, graças a Deus, ontem eu fiz um exame, a Dra. olhou, ficou maravilhada. Graças a Deus tô feliz (Co-pesquisador 3)

Só Deus mesmo que dá força e coragem a gente (Co-pesquisador 4)

Eu não tô melhor...tô nas mãos dos médicos, nas mãos de Deus, tô fazendo os exames e o que for descobrindo eu tenho fé que vou tirando, fazendo e agradecendo a Deus por tá viva pronto, nunca quero me preocupar não (Co-pesquisador 5)

A vida é importante. Deus consente eu viver, se não consentisse já tinha me tirado a muito tempo. Tem sentido sim, se for pra mim mudar, eu mudo, me tira bem facinho, me tira bem ligeiro (Co-pesquisador 7)

Antes mesmo de sermos religiosos, procuramos um sentido para nós mesmos e que o homem, ao tentar entender a vida, o tempo e o universo depara-se com o mistério e o inefável, obrigando-o a calar e humildemente tentar empreender caminhos espirituais que dêem conta de suas demandas, primordialmente

através da fé. A fé deve ser entendida em seu sentido original, que vem do grego *Pistis e Pisteuo*, que quer dizer “eu assumo, eu confio, coloco meu coração, empenho minha fidelidade”. Jamais poderia ser desvinculada ou separada da vida. É ela que dá propósito para as lutas e esperanças, para o pensar e o agir. É uma forma ativa de ser e comprometer-se, também forma de conhecermos e modelarmos nossas experiências, estão ligadas as relações, na fé, sempre há um outro (Valle, 2005).

A espiritualidade vivenciada através da religião ou de fé pressupõe conhecimento dos próprios limites e possibilidades, não é um ato de simples resignação e, sim, uma atitude corajosa e humilde de alguém que sabe que sua vida está voltada para um ser mais, um partilhar mais, um desprender. A religião é a consciência de que o homem possui uma dimensão sobre humana. Ao vê-se como ser no mundo, vislumbra o infinito e isso o faz cheio de esperança e de fé na vida e em seu sentido último. O grupo pesquisador traz o “Sentido Deus” não como imagem, mas como realidade viva, existente e conhecida dele, ajudando inquestionavelmente no enfrentamento e superação do sofrimento, da culpa e da morte, muito embora não se possa comprovar fisicamente (Vasconcelos, 2006; Frankl, 1992; Medeiros, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os confetos produzidos pelo grupo-pesquisador mostram de forma clara e simples que a liberdade é utilizada para dar uma resposta à vida, próprio da dimensão espiritual. O grupo

pesquisador declara que há um sentido, mesmo vivenciando situações difíceis como o adoecimento e as diversas dificuldades da vida. A liberdade possibilita que, em face às adversidades, o homem responda de forma otimista a fim de encontrar um sentido para a vida.

Poderíamos dizer que o sentimento de transitoriedade é mola impulsional para um sentido e está também ligada à liberdade e à transcendência. O grupo-pesquisador em sua produção tem noção disso e traz as experiências

de vida como arquivadas no passado, retornam como fonte de sentido que, ao responder as agulhoadas dessa transitoriedade, permitem a continuidade dessa busca.

Percebemos que houve muitas intercessões e complementaridade dos saberes do grupo-pesquisador e dos saberes já produzidos. Os confetos apresentados, mostram-nos a riqueza da produção coletiva e, especialmente, da capacidade de vivenciar a espiritualidade no processo de adoecimento.

REFERÊNCIAS

- Amaro, L. S. (2013). Resiliência em pacientes com câncer de mama: o sentido da vida como mecanismo de proteção. *Logos & Existência - Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial*. 2 (2), 147-161.
- Arriera, I. C. O., Thofehrn, M. B., Porto, A. R., & Palma, J. S. (2011). Espiritualidade na equipe interdisciplinar que atua em cuidados paliativos às pessoas com câncer. *Revista Ciências Cuidado e Saúde*. 10 (2):314-321.
- Corbellini, V. L., Santos, B. R. L., Ojeda, B. S., Gerhart, L.M., Eidt, O.R., Stein, S. C., & Mello, D.T. (2010). Nexos e desafios na formação profissional do enfermeiro. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 63(4), 555-560.
- Elias, A. C. A., Giglio, J. S., & Pimenta, C. A. M. (2008). Analysis of the nature of spiritual pain in terminal patients and the resignification process through the relaxation, mental images and spirituality intervention. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. 16(6): 959-965.
- Frankl, V. E. (1990). *Psicanálisis y existencialismo: de la psicoterapia a logoterapia*. (2ª ed.) México: Fondo de Cultura Económica.
- Frankl, V. E. (1992). *A presença ignorada de Deus*. (2ª ed.) São Leopoldo: Sinodal, Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. E. (1994a). *Logoterapia y análise existencial: textos de cinco décadas*. (2ª ed.) Barcelona: Helder.
- Frankl, V. E. (1994b). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. (2ª ed.). Petrópolis: Vozes / São Leopoldo: Sinodal.
- Frankl, V. E. (2003). *Sede de sentido*. (3ª ed.). São Paulo: Quadrante.
- Frankl, V. E. (2005). *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. (11ª ed.) Aparecida: Idéias & Letras.
- Gauthier, J. H. M. (2005). *A dimensão da espiritualidade na pesquisa em ciências sociais: o aporte na sociopoética*.

- In: Santos, I. Prática da pesquisa nas ciências humanas e sociais: abordagem sociopoética. São Paulo: Atheneu.
- Giovanetti, J. P. (2005). Psicologia existencial e espiritualidade. In: AmatuZZi, M. M. Psicologia e espiritualidade. São Paulo: Paulus.
- Lukas, E. (1992). Prevenção psicológica: a prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da logoterapia. Petrópolis: Vozes / São Leopoldo: Sinodal.
- Lukas, E., & Eberle, M. M. (1993). Tudo tem seu sentido: reflexões logoterapêuticas. Petrópolis: Vozes / São Leopoldo: Sinodal.
- Medeiros, M. U. F. (2013). Logoterapia: um olhar para assistência de enfermagem oncológica. Logos & Existência - Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial. 2 (1), 60-72.
- Ministério da Saúde do Brasil. (2004). Política Nacional de Humanização. Documento base para gestores e trabalhadores do SUS. Brasília.
- Modim, B. (1980). O homem: quem ele é? Elementos da antropologia filosófica. São Paulo: Paulinas.
- Santos, I., Alves, A. C. S., Silva, A. F. L., Caldas, C. P., Berardinelli, L. M. M., & Santana, R. F. (2011). O grupo pesquisador construindo ações de autocuidado para o envelhecimento saudável: pesquisa sociopoética. Escola Anna Nery, 15(4), 746-754.
- Santos, I., & Gauthier, J. H. M. (2013). Sociopoética: para uma perspectiva estética do pesquisar/cuidar/educar em enfermagem. Revista Eletrônica de Enfermagem, 15(1):12. Recuperado em 06 de agosto de 2014 de <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v15i1.15136>
- Silveira, L. C., Almeida, A. N. S., Macedo, S. M., Alencar, M. N., & Araújo, M. Â. M. (2008). A sociopoética como dispositivo para produção de conhecimento. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, 12(27), 873-881.
- Tomasso, C. S., Beltrame, I. L., & Lucchetti, G. (2011). Knowledge and attitudes of nursing professors and students concerning the interface between spirituality, religiosity and health. Revista Latino-Americana de Enfermagem, 19(5), 1205-1213.
- Valle, J. E. R. (2005). Religião e espiritualidade: um olhar psicológico. In: AmatuZZi, M. M. Psicologia e espiritualidade. São Paulo: Paulus.
- Vasconcelos, E. M. A. (2006). Espiritualidade no trabalho em saúde. São Paulo: Hucitec.

Enviado em: 1/12/2014

Aceito em:

SOBRE OS AUTORES

Michell Ângelo Marques Araújo. Doutor em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará, com Estágio de Doutorado na Universidade Católica Portuguesa- Porto, Portugal. Mestre em Cuidados Clínicos em Saúde pela Universidade Estadual do Ceará. Especialista em Saúde Mental e Saúde da Família.

Débora Rodrigues Guerra. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Cuidados Clínicos em Enfermagem em Saúde (PPCCLIS) da Universidade Estadual do Ceará. Possui Graduação em Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará (1998) e mestrado em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2005).

Aurilene Lima da Silva. Graduada em Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará (UECE-1990). Especialização em Controle de Infecção Hospitalar pela Faculdade São Camilo (SP-1994); Residência em Enfermagem em Cardiologia pelo Unidade de Cardiologia-UNICOR (SP-1994); Especialização em Estomatologia (UECE-2003); Titulada como Perfusionista pela Sociedade Brasileira de Circulação Extracorpórea (SBCEC); Mestre em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde (2012). Doutoranda do Programa de Pós-graduação Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde da UECE.

Luana Gêssica Freire Martins. Enfermeira, R2 da Residência Multiprofissional em Saúde Mental do Hospital Universitário Walter Cantídio da Universidade Federal do Ceará.

Violante Augusta Batista Braga. Enfermeira formada pela Enfermagem pela Universidade de Fortaleza (1980), Mestrado em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (1993) e Doutorado em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (1998). Atualmente é Professor Associado da Universidade Federal do Ceará, Departamento de Enfermagem.

Arisa Nara Saldanha de Almeida. Possui graduação em Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará (2007). Mestrado em Cuidados Clínicos em Saúde pela Universidade Estadual do Ceará (2009), com a seguinte pesquisa: CUIDADO CLÍNICO DE ENFERMAGEM EM SAÚDE MENTAL: a contribuição da psicanálise para a clínica do sujeito. Integrante do grupo de pesquisa "Clínica do Sujeito: saber, saúde e laço social" e Membro do LAPSU - Laboratório de Psicanálise da UECE. Docente da Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza – FAMETRO.